

# Tradição influencia a escolha

Antes de entrar para a carreira política, Mário Covas — o senador mais votado nas últimas eleições e hoje presidente do PSDB, o partido dos tucanos — foi professor de Matemática no Colégio Bandeirantes. Lecionou na escola em que cursou o 2º grau. Fundado em 1934, no Paraíso, o colégio ficou famoso por seus cursos de Ciências Exatas e Biológicas. Há oito anos, a escola abriu matrículas para a área de Humanidades. Porém, como reconhece o diretor-presidente Jorge Barifaldi Hirs, a procura maior de alunos é pelos cursos tradicionais.

Até o final do mês, o Bandeirantes recebe inscrições para candidatos as 5º séries de 1º grau e 1ºs séries do 2º. A disputa é grande: dois concorrentes para uma vaga. Mas Jorge Hirs não se preocupa com a seleção, por entender que somente os melhores alunos são encaminhados para a escola: “O Bandeirantes é notoriamente conhecido pelo ensino de alto padrão de qualidade e já há consciência entre as famílias de só inscrever os filhos mais estudiosos”. O diretor tem orgulho de estar ensinando a terceira geração de alunos: “São os filhos dos filhos de nossos alunos”.

Foi pensando nos descendentes dos imigrantes italianos que o conde Crespi fundou o Dante Alighieri, em 1911, na alameda Jaú, nos Jardins. Mas mal poderia imaginar que, 77 anos depois, a escola funcionaria com 6.500 estudantes descendentes das mais variadas nacionalidades. Dirigido por um colegiado de ex-alunos, eleito para um mandato de três anos, o Dante Alighieri tem pedidos de matrícula até 1994. Segundo o diretor-pedagógico Rudney Tabacchi, a seleção de candidatos obedece aos seguintes critérios de preferência: ser filho de ex-aluno, pertencer à colônia italiana ou ter irmão na escola. As vagas restantes são distribuídas aos demais candidatos que não preenchem esses requisitos. Geralmente, dez crianças concorrem a uma vaga.

“Mas quem entra, não sai”, avisa Tabacchi. Os alunos permanecem 13 anos na escola — do jardim da infância ao fim do 2º grau. Os professores também ficam muito

tempo. Há 40 anos, Leopoldina Dizioli leciona Estudos Sociais e Matemática no Dante Alighieri. Entrou na escola um ano depois de o professor Jânio Quadros abandonar as aulas de Português no colégio para eleger-se vereador. “Estamos preocupados com a formação do aluno, por isso temos aula de filosofia, música e arte dramática”, informa o diretor.

Ministrar disciplinas não exigidas pelos exames vestibulares, mas importantes para a formação do aluno, é também a preocupação do Colégio Santa Cruz, fundado em 1952, por padres canadenses. Com 1.837 alunos, a escola obteve licença especial do Ministério da Educação para funcionar com um projeto experimental, que consiste em reduzir o número de matérias e aprofundar o ensino em áreas específicas de acordo com os interesses do aluno.

A exemplo de outras escolas, o Santa Cruz é bastante concorrido. As inscrições para as 120 vagas da 1ª série do 1º grau terminam sexta-feira. Já existem 352 candidatos. A procura para a 1ª série do 2º grau também não é diferente: 300 candidatos para cem vagas. Apesar de ser um colégio dirigido por religiosos — padres da congregação Santa Cruz —, a escola faz sua seleção baseada apenas nos testes de aptidão. O colégio tem 80% de alunos católicos. Os demais são judeus, ateus, budistas e islâmicos. Segundo a psicóloga Kátia Grieco, o Santa Cruz estrutura classes heterogêneas, a fim de que “os alunos entrem em contato com o pluralismo de idéias”.



Guilherme Bessa/AE

Tabachi: há critérios